

# CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: UMA GUERRA EM SOLO EUROPEU\*

*Esley Rodrigues de Jesus Teixeira<sup>1</sup>*

Há mais de um ano a Europa passa por um dos maiores conflitos em seu próprio território desde a Segunda Guerra Mundial. O ceticismo quanto a impossibilidade de guerras entre democracias, ou a crença em que o desenvolvimento levaria a um mundo de paz perpétua, contribuiu para o despreparo relativo. Cálculos mal realizados e falta de informações plenamente confiáveis acabaram também por levar a um conflito hoje longe de parecer terminar.

A guerra russo-ucraniana é decorrente de um concerto que já se desenha desde a ex-União Soviética e que se acelerou nos últimos anos. A Rússia, ávida por controlar a passagem das estepes europeias ao seu território, se viu ameaçada com o discurso, e as ações, de aproximação entre o governo ucraniano e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Detendo arsenais nucleares e convencionais superiores, além de maior capacidade industrial e de manutenção de seus estoques de gêneros alimentícios e energéticos, a Rússia não parece sentir o ataque conjunto do ocidente, tampouco o peso das sanções a ela estipuladas.

O conflito entre Rússia e Ucrânia, por si só, não se tornaria manchete de jornal se não fosse o grande impulso das mídias norte-americanas e europeias na formação da informação e da opinião. Na percepção das mídias norte-americanas e europeias, tal conflito é compreendido como guerra, entendimento que não se observa em outros conflitos (por vezes muito mais sanguinolentos e, sem dúvida, muito mais longevos) que ocorrem na África e no Oriente Médio. O poder dado aos elementos de comunicação social e a facilidade com que conseguem hoje compartilhar suas convicções é impressionante, e, às vezes, aterrorizante. A ideia de que a Rússia passa para os norte-americanos e europeus é de que é um país que tem voraz apetite por territórios estratégicos.

O fardo do homem branco ainda parece sobressair na conjugação de pesos da balança do que é ou não relevante. Da mesma forma, a escolha do que é ou não real ou falso, torna o papel da mídia bastante complexo, vez que, mesmo tendo como chefe um ente apolítico, a guerra sempre é política. O próprio nome guerra na Ucrânia é uma forma de explorar a gravidade da palavra guerra. Não se fala, por exemplo, em guerra no Mali, Sudão, Congo, Timor-Leste. Ali, onde a civilização é menos influente do que a norte-americana e europeia, há no máximo, conflitos tribais (KEEGAN, 1984).

---

\* Artigo originalmente publicado no site do OMPV em 17 de maio de 2023.

<sup>1</sup> Capitão de Corveta da Marinha do Brasil e doutorando em Ciências Militares da ECEME.

Basta que consideremos que as invasões europeias na África e na Ásia, baseadas no imperialismo europeu do século XIX, estavam chanceladas pelo sentimento civilizacional e até messiânico. A invasão dos Estados Unidos da América às Filipinas foi laureada pelo famoso *The White Man's Burden*, e a expansão britânica sobre a China (momento em que o ocidente obrigou os bárbaros chineses a se viciarem em ópio) ganhou uma linda poesia chamada *The Road to Mandalay*, ambas de *Kipling*. A luta que se desenvolve em solo europeu, chocante e sangrenta como são todas as lutas, é algo horrendo demais para merecer a eternidade dos poemas e a beleza das poesias. Mas isso se vê desde os *Lusíadas*.

Além da mídia, outros atores fazem parte da guerra no século XXI. Longe de serem novos, tais atores constituem uma repaginação em conceitos dantes vistos, cuja natureza e substância incerta, caracterizam a névoa da guerra: incerteza, desordem, probabilidade, fricção, caos e complexidade (ELWARD, 2010). Conceito antigo que, hoje rememorado, parece esquecer a definição antiga que não permite reinvenção.

Um exemplo bem simples dessa assertiva é a guerra de Independência do Brasil e a utilização de algumas centenas de oficiais e praças norte-americanos e britânicos na tripulação (e até comando) dos navios da Armada Imperial Brasileira. Outro exemplo recai sobre *Clausewitz*, um oficial prussiano que lutou pelo exército czarista de Alexandre, sendo acompanhado por vários generais de diversas nacionalidades. Por certo, os serviços dantes ofertados por pessoas físicas (*Thomas Cochrane, David Jewett, Pascoe Grenfell e John Taylor*, por exemplo) agora são ofertados por empresas que os intermediam. Outras “inovações” desta guerra como extremistas e terroristas, forças especiais e coisas do gênero são tão antigas quanto os *zelotes* de Barrabás, os ataques aos comboios de pólvora franceses por *Césare Bórgia* e o atentado perpetrado por *Gavrilo Princip* contra *Francisco Ferdinando*. Falar em mercenários e não lembrarmos dos *privateers* de *Elizabeth I*, é um grave erro histórico.

A guerra, apesar de ser um camaleão que se adapta às características da conjuntura (CLAUSEWITZ, 1989), continua sendo utilizada para se alcançar os objetivos políticos. A Rússia possuía um objetivo claro, desde, pelo menos, as invasões napoleônicas e a criação da Santa Aliança no âmbito do concerto das nações após o congresso de Viena: manter a estabilidade política e impedir agitações que pudessem lhe ameaçar o território. Após *Waterloo*, o Alexandre dos Russos foi à Paris dos franceses, mas logo a devolveu. Também ajudou na restauração da Prússia e da Áustria, e não se envolveu em grandes conflitos até quase quarenta anos depois, na Criméia, onde, desde muito (1783), já havia estabelecido uma base naval (*Sebastopol*). Depois disso, apenas entraria em conflitos por motivos de invasões, mantendo, aliás, a tradição russa de Pedro I, o Grande, em sua batalha contra os tártaros de *Azov*.

Observando, portanto, as razões profundas através da história, nada comunga para o fato de se temer um expansionismo russo pelo leste europeu. Na verdade, não menos do que o expansionismo português, espanhol, francês, holandês, belga, britânico, alemão, norte-americano ou japonês, bastante presente em nossa história contemporânea. Paradoxalmente, a expansão da OTAN, da democracia e da União Europeia, o que seria o oposto do expansionismo imperialista de fins do século XIX, reascendeu o velho medo russo de perder o controle das estepes. Estava, pois, armada a armadilha de *Tucídides*.

A guerra, contudo, continua a aterrorizar aqueles que não conseguem compreender estas razões. Neste cômputo, os ensinamentos de *Clausewitz*, alinhados aos eventos históricos, nos são úteis, assim como os de guerra total de *Ludendorff*. E, neste caso específico da guerra russo-ucraniana, nos são apresentados dois exemplos bem distintos: a guerra tem sido total para a Ucrânia, e limitada para a Rússia. Ela é total no lado ucraniano porque já se percebe o pleno exaurimento de suas capacidades combativas e de sobrevivência. Mesmo com o robusto apoio de diversos países ocidentais, não se divisa uma quebra do *fait accompli* russo. A expulsão dos cossacos parece muito improvável.

Da mesma forma, para a Rússia, manter-se em posição e não avançar é o caminho natural: não há necessidade de se avançar sobre um país em ruínas, e cujas eleições, ao que tudo indica, serão favoráveis a que se assuma uma postura bem mais comedida que a do atual presidente. Para a Rússia, apesar do que se parece, a guerra é defensiva, e não ofensiva. É uma ação preventiva contra o expansionismo *otânico*, assim como foi a guerra entre Esparta e Atenas no *Peloponeso*. Talvez seja esse o grande problema das análises que hoje se nos apresentam: a falta de pesquisa histórica, que, *per si*, exigem maior reflexão das ideias do general prussiano (MOITA; FRANCHI, 2021).

Mesmo sendo um conflito eminentemente terrestre, os efeitos no comércio global se fazem sentir, particularmente no próprio continente europeu. O aumento dos gastos militares, em particular da Alemanha e o aumento do pedido de entrada na OTAN de outros países fronteiros à Rússia, como Finlândia e Suécia, são reflexos imediatos do conflito. Outros mais preocupantes seguirão: a necessidade de deter armas nucleares e capacidade de dissuasão estratégica para evitar agressões, mesmo quando falamos de países menores ou sem protagonismo nas relações internacionais e econômicas; a necessidade de aumento nos gastos militares e de rearmamento para garantir uma dissuasão adequada, independentemente das ferramentas econômicas e financeiras existentes; e a necessidade de se investir na formação de coalizões e alianças para garantir a defesa mútua contra agressões de países mais fortes. Quanto aos reflexos econômicos, são bastante presentes até para os brasileiros: o preço do quilo do tomate, cuja cultura depende da importação de fertilizantes russos, não nos deixa mentir. A participação da Rússia na Organização dos Países Produtores de Petróleo, ademais, nos acende um alerta para como o preço dos combustíveis pode seguir no horizonte próximo.

No decorrer deste ano de conflito europeu, o mundo pareceu relembrar de que a guerra pode, sim, ocorrer em qualquer lugar e envolver quaisquer atores. A saída desastrosa dos Estados Unidos do Afeganistão, os genocídios semanais nas guerrilhas africanas e as mazelas humanitárias na América Central pareciam estar muito longe dos norte-americanos e europeus. A guerra, contudo, continua sendo a guerra: os pressupostos de *Clausewitz* permanecem muito atuais e o diálogo médio nunca foi tão recente. A diferença deste conflito em particular, para os anteriores (mesmo se comparamos com a Ossétia e a Criméia bastante recentes), está na rapidez da informação, e na facilidade de moldura opinativa. As poesias de *Kipling* hoje, muito mais sonoras quando apresentadas como manchetes em redes de televisão e sociais, parecem possuir um poder bem maior de formar opiniões.

Infelizmente, independentemente do lado, não há poesias que possam expressar a perda dos desconhecidos soldados mortos, muito menos de um filho em uma trincheira como, aliás, foi o caso do de *Kipling* na Primeira Grande Guerra.

#### **Referências:**

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On War**. HOWARD, Michael; PARET, Peter (Editores). Princeton: Princeton University Press, 1989.

ELWARD, Sean Mikael. **The Fog of War: A Necessary Component of Modern Warfare**. Newport: Naval War College. 2010.

KEEGAN, John. **A History of Warfare**. London: Vintage Books, 1984.

MOITA, Sandro Teixeira; FRANCHI, Tássio. **Os saberes da guerra: o pensamento de Carl von Clausewitz no Brasil (1990-2019)**. Revista da Escola de Guerra Naval, Vol. 27, p. 91-120, 2021.